



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
GRADUAÇÃO EM DESIGN-MODA

FRANCISCA ZEZILENE INÁCIO DA SILVA OLIVEIRA

RENDEIRAS DE BILROS DE PINDORETAMA: MODA E TRADIÇÃO

FORTALEZA

2022

FRANCISCA ZEZILENE INÁCIO DA SILVA OLIVEIRA

RENDEIRAS DE BILROS DE PINDORETAMA: MODA E TRADIÇÃO

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design- Moda.

Orientador: Prof. Dra. Francisca R. N. Mendes.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O47r Oliveira, Francisca Zezilene Inácio da Silva.
Rendeiras de bilros de Pindoretama : moda e tradição / Francisca Zezilene Inácio da Silva Oliveira. –
2022.
19 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e
Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Artesanato. 2. Renda de Bilros. 3. Moda. 4. Tradição. 5. Pindoretama. I. Título.

CDD 391

FRANCISCA ZEZILENE INÁCIO DA SILVA OLIVEIRA

RENDEIRAS DE BILROS DE PINDORETAMA: MODA E TRADIÇÃO

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

Aprovada em: 08/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Emanuelle Kelly R. Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Araguacy Filgueiras
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RENDEIRAS DE BILROS DE PINDORETAMA: MODA E TRADIÇÃO

PINDORETAMA BOBBIN LACEMAKERS: FASHION AND TRADITION

Francisca Zezilene Inácio da Silva Oliveira¹

Francisca Raimunda Nogueira Mendes²

RESUMO

Este artigo busca compreender como a moda influencia a produção de peças no artesanato das rendeiras de bilros do Centro Comunitário de Artesanato da localidade do Sítio Ema na cidade de Pindoretama-Ce, como esta tradição vem se mantendo e como está sendo repassada para as novas gerações. O trabalho foi embasado em pesquisas bibliográficas, entrevistas e observações realizadas com as rendeiras. Considerando a importância da manutenção das tradições é proposto entender a relevância dos artesãos e de seus saberes, como a adaptação destes ao mercado consumidor e a identificação dos meios pelos quais a moda se insere neste contexto. No decorrer do trabalho é possível perceber o esforço das rendeiras em manter viva esta tradição, tanto pela falta de interesse das novas gerações, como no posicionamento de seus produtos em meio ao mercado consumidor.

Palavras-chave: Artesanato. Renda de Bilros, Moda, Tradição e Pindoretama.

ABSTRACT

This article seeks to understand how fashion influences the production of pieces in the handicraft of bobbin lacemakers at the Community Center for Crafts in the locality of Sítio Ema in the city of Pindoretama-Ce, how this tradition has been maintained and how it is being passed on to new generations. The work was based on bibliographical, research, interviews and observations carried out with the lacemakers. Considering the importance of maintaining traditions, it is proposed to understand the relevance of artisans and their knowledge, as well as their adaptation to the consumer market and the identification of the means by which fashion is inserted in this context. In the course of the work, it is possible to perceive the effort of the lacemakers to keep this tradition alive, both due to the lack of interest of the new generations, as in the positioning of its products in the midst of the consumer market.

Keywords: Handicraft, Bobbin Lace, Fashion, Tradition and Pindoretama.

¹ Estudante de graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará. Bacharel em Administração. Email zezileneoliveira@gmail.com

² Orientadora. Historiadora, Mestre e Doutora em Sociologia. Leciona as disciplinas da área de História e Pesquisa do Curso de Design-Moda da UFC.

INTRODUÇÃO

A partir de pesquisas bibliográficas, entrevistas e observações se propõe compreender de que forma a moda influencia a criação da produção das rendeiras de bilros na localidade de Sítio Ema, na cidade de Pindoretama, Ceará, localizada na região metropolitana às margens da CE 040 há 40km de Fortaleza. Um roteiro de entrevista auxiliou na análise de como a moda é percebida, se há variações nas peças, nas cores, buscou identificar também como essa tradição vem se mantendo, se os saberes estão sendo repassados e qual a visão das artesãs para o futuro deste trabalho. O tema me acompanha desde muito cedo, pois cresci vendo minha mãe fazer a renda para complementar a renda familiar. Da mesma forma, diversas mulheres do meu convívio se acomodavam nas calçadas, à sombra de uma árvore, na área ou na sala de casa, reuniam-se para bater bilros e “papear”, com o tempo vi essa atividade sendo deixada de lado, porém a imagem das rendeiras carrego em minha memória.

O trabalho tem elementos sociais que se entrelaçam com as histórias das rendeiras de bilros que, por sua vez, procuram manter viva esta tradição em meio ao mundo da moda, cada dia mais competitivo. Durante a pesquisa foi identificada a escassez de bibliografia sobre o tema, mesmo sendo a renda de bilros e as rendeiras assuntos que muitas vezes representam o Ceará pelo mundo afora. Este artigo tem sua relevância como forma de conhecer, entender e valorizar as rendeiras, a renda de bilros e o artesanato local, buscando um resgate de nossas raízes através da renda de bilros se inserindo na moda pelas mãos das rendeiras.

A tradição da renda de bilros

Não se sabe ao certo quando e onde surgiu a renda de bilros, Ramos (1948) cita alguns autores que discorrem sobre o assunto, dentre eles, Bayard (1924) que diz “Muito se tem discutido sobre a origem das rendas de bilros [...] mas na sua feitura definitiva, a renda de bilros vem de fins do século XV, [...]”.

[...] As referências em alguns documentos oficiais a ‘renda’, nos primeiros tempos, dizem respeito às rendas de procedência europeia, francêsas, italianas ou flamengas, utilizadas nas vestes das classes abastardas. Quando as rendas de bilros começaram a ser usadas, nas roupas brancas femininas ou na ornamentação religiosas das toalhas de altar e dos paramentos sacerdotais, não havia referências aos lugares de procedência (MARTEL PATRICIO, s.d. apud RAMOS, 1948, p. 35 e 36).

Há citações de inúmeros países, principalmente europeus, como produtores de belas rendas como: Itália, Bélgica, Holanda, França. Cada um destes países, naturalmente, reivindica para si a criação do produto (FLEURY, 2002).

Podemos encontrar ainda diversas definições de renda, segundo Ramos (1948) a renda pode ser considerada como um fio enrolado sobre si mesmo, sem fundo de tecido pré-existente, de maneira a formar, ou uma retícula simples, ou um desenho mais ou menos complexo.

Fleury (2002) considera que a renda é mais que uma estrutura têxtil descontínua, feita manual ou mecanicamente com fins artísticos ou decorativos.

Para Ramos (1948) a definição mais completa é a de Lefebure (1887), citado em sua obra que diz que a renda de bilros “é um tecido formado pelo cruzamento e entrançado de fios enrolados, uma das suas extremidades em bilros, e fixados na outra extremidade numa almofada por meio de alfinetes”, portanto, é difícil encontrar uma definição exata para o termo renda.

A renda, hoje facilmente encontrada, já foi ensinada e praticada somente em conventos e sua utilização praticamente única era a ornamentação de igrejas e das vestes eclesiásticas, chegando a ser proibido seu uso para outros fins em Portugal, como mostra a citação:

A arte da renda por muito tempo em Portugal só foi praticada nos conventos, e sua utilidade praticamente única era a ornamentação de igrejas e das vestes eclesiásticas. Quando a renda invadiu o mundo leigo, éditos suntuários começam logo a coibir o seu uso. Assim é que D. João III ordenava, em 1610, “que nenhuma pessoa se servisse de *desfiado*, nem *rêde*, em alguns paramentos de cama, nem casa”. Também Felipe II impôs severas penas a quem usasse rendas e “outros desfiados (MAGALHÃES, s.d. apud RAMOS, 1948, p.29).

Segundo Ramos (1948) as rendas de bilros tradicionais portuguesas constituíam a indústria caseira de mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima, e Magalhães (1946) cita que em todas as povoações de pescadores fabricam-se rendas, onde, de acordo com o autor, confirma o dito popular português: “onde há redes, há rendas”.

Borrvalho apud Cunha e Garcia (2001) relembra o tempo em que a renda de bilro teve seus momentos de glória e que obteve um quase domínio sobre as demais artes caseiras, recebendo o peso das influências nativas e sendo apreciada pelas damas elegantes para seus vestidos e adornos.

Falar de rendas é falar também de rendeiras e Catherine lembra Câmara Cascudo: 'As rendas têm nome, história, anedotários. As rendeiras têm suas rainhas, espécie de abelha-mestra, levando para o túmulo segredo de certos pormenores'. A rendeira transmite sua técnica pela tradição oral³.

Portelli (1997) cita a história oral como uma ciência e arte do indivíduo, que se dá por meio de conversas com pessoas sobre experiências e memórias.

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como o sociólogo e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma (PORTELLI, 1997, p.15).

De acordo com Ramos (1948), baseado em suas referências, é possível concluir que o Brasil aprendeu com os portugueses a arte da renda de bilros.

[...] Poderíamos apenas inferir que as rendas de Bilros entraram no Brasil com as primeiras mulheres portuguesas vindas, com suas famílias, de pontos de Portugal onde tradicionalmente se fazem rendas de bilros, como as áreas costeiras do Minho à Estremadura e ao Algarve (MARTEL PATRICIO, s.d. apud RAMOS, 1948, p.36).

A renda de bilros é o nome mais geral, mas também é conhecida como renda de almofada (munfada pelas rendeiras de Pindoretama), renda do Norte, renda do Ceará, renda da terra, são diversos os nomes usados para designar essa arte pelo Brasil.

Martel Patricio citada em Ramos (1948) aponta que as principais regiões das rendas de bilros é o nordeste, sul e norte e que no Nordeste o Ceará se destaca no artesanato da renda de bilros, tendo as cidades localizadas próximo à Fortaleza, principalmente no litoral, sua grande maioria de rendeiras.

A região principal das rendas de bilros é o nordeste[...]região sul e norte. Outros pontos do país também conhecem a renda de bilros, mas parece que sua concentração maior é na área costeira, nas margens dos rios da vertente oriental do país, nas regiões baixas das áreas culturalmente pobres, de pescadores. O velho aforismo português "onde há rede, há rendas" parece aplicar-se também ao caso brasileiro (MARTEL PATRICIO, s.d. apud RAMOS, 1948, p.37).

³ Informações retiradas do site <http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/rendas-do-mar/origem1> em 9 de abril de 2019

A renda de bilros é tradicionalmente feita por mulheres, em sua maioria das classes mais pobres, e geralmente na orla marítima, Ramos (1948), afirma que essa arte é transmitida de geração em geração por mulheres de classes pobres, porém houve uma fase em que as moças da alta sociedade aprenderam a fazer renda de bilros nos conventos.

Essa arte é transmitida de geração em geração, entre mulheres das classes pobres, embora tenha havido fases em que as moças da alta sociedade aprenderam a fazer rendas de bilros, nos conventos. Ainda em data recente (1927) e na “moda” as moças da alta sociedade faziam rendas de almofadas [grifo do autor] (RAMOS, 1948, p.31).

No sistema da Central de Artesanato do Ceará (Ceart) estão cadastradas 1.708 rendeiras de bilros, mas a quantidade de rendeiras que fazem parte dessa tradição no Ceará é muito maior, a exemplo da cidade de Trairi – Ce, onde a prefeitura estima 5.000 rendeiras.⁴

De acordo com pesquisa realizada pelo Banco do Nordeste (2002), o estado do Ceará é um dos principais centros de produtores de artesanato do Nordeste sendo as rendas, bordados/cestarias e os trançados/tecelagem as tipologias que têm maior possibilidade de crescimento, neste levantamento o município de Pindoretama as rendas e bordados aparecem como potencial local.

A moda que surge nas mãos dos artesãos, o estilo *handmade* (feito à mão) caiu nas graças dos consumidores de moda, sendo um movimento que vem ganhando espaço há algum tempo. Porém, o feito à mão tem outro tempo, e a desaceleração se faz necessária, como é possível ver em movimentos realizados com a valorização dos artesãos, como o respeito do tempo de feitura de cada peça. A exemplo disso temos a coleção Olê⁵ (Figura 1), desenvolvida em 2020 pela marca cearense Catarina Mina em parceria com rendeiras de bilros de Trairi-Ce, com apoio da Qair (empresa de energias renováveis), em que as vendas foram feitas por encomenda, com a proposta de respeitar o tempo de feitura das peças pelas artesãs.

4 Informações retiradas do site: [http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/rendas-do-mar/ceara-peniche-vila-do-conde/ceara/22 de julho 2021](http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/rendas-do-mar/ceara-peniche-vila-do-conde/ceara/22%20de%20julho%202021)

5 Informações retiradas do site: <https://marciatravessoni.com.br/moda/catarina-mina-lanca-colecao-de-renda-de-bilro-em-parceria-com-artesas-de-trairi/> 22 de julho 2021

Figura 01 – Imagens da Campanha da coleção Olê da marca Catarina Mina.



Fonte: <https://agenciaeconordeste.com.br/projeto-resgata-e-valoriza-tradicao-de-renda-de-bilros-no-ceara/>. 2021.

O artesanato apresenta a característica do fazer com as mãos, o fazer manual, em que os artesãos determinam o ritmo da produção e deixam marcas e um pouco de si em cada uma das peças.

O bater dos bilros em Pindoretama

De 1876 a 1877, dom Pedro II ordenou para que fossem colocados postes do telégrafo que estabelecia conexão entre as cidades de Fortaleza e Aracati. Para tal foi necessária a abertura de uma estrada e em suas margens trabalhadores começaram a habitar, essa estrada ficou conhecida como “Estrada Nova”, Estrada Telegráfica” e “Estrada do Fio”. Com o passar do tempo surgiu um pequeno povoado, este vinculado ao município de Cascavel. Em 1894 foi elevado à categoria de Vila com o nome de Baixinha Velha, em 1911 tornou-se distrito de Cascavel, a partir de 1929, o distrito passou a se chamar Palmares e depois, em 1943, mudou o nome para Pindoretama e, somente em 1987, foi realizado um plebiscito onde o município de Pindoretama foi criado, desmembrando-se definitivamente de Cascavel.⁶

⁶ Informações retiradas do site: <http://pindoretama.ce.gov.br/historia/> 17 de março 2019

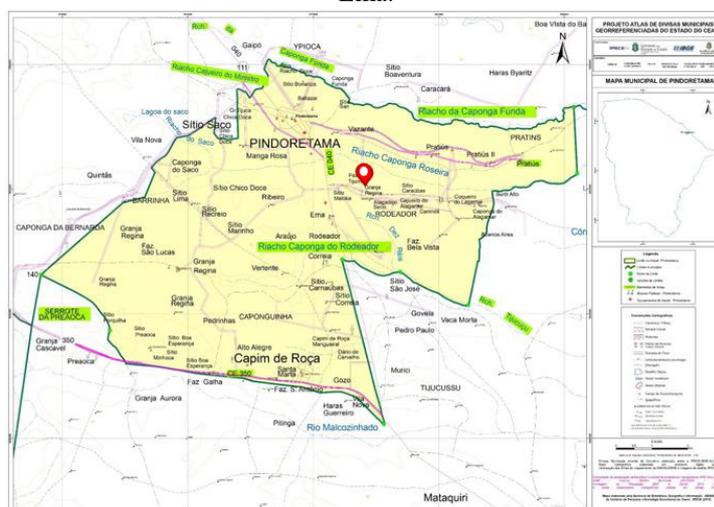
Pindoretama é um município brasileiro do litoral do estado do Ceará, integrante da Região Metropolitana de Fortaleza. Conhecido também como a Capital da rapadura e Princesinha do litoral⁷, nome dado apesar de não possuir praias em seu território. Esse pequeno município conta com uma população de 18.683 habitantes, segundo censo (2010) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Localizada a 40 km de Fortaleza, a cidade de Pindoretama também é conhecida como a cidade da rapadura por seus engenhos e pelo Pindorecana⁸, o maior Festival de Cana-de-açúcar do estado, onde é exposta a maior rapadura produzida no mundo e agrega as principais vocações econômicas da região, turismo, agronegócio, gastronomia e artesanato, onde a renda se destaca.

As rendeiras de bilros há muito fazem parte da história da cidade de Pindoretama que em seu território ainda são vistas nas calçadas, alpendres, salas e embaixo de árvores a papear e bater seus bilros, em menor quantidade que em tempos passados, mas ainda persistem. Neste contexto foi escolhida a localidade de Sítio Ema, situada no Quilometro 36 da CE 040, onde existe um centro de Artesanato e a renda de bilros é a principal atração.

A figura 2 apresenta o mapa de localização geográfica do Município de Pindoretama e da localidade de Sítio Ema.

Figura 02 - Mapa do município de Pindoretama, com localização em vermelho da localidade de Sítio Ema.



Fonte: www.ipece.ce.gov.br, 2021

⁷ Informações retiradas do site <http://pindoretama.ce.gov.br/dados-do-municipio-2/> 17 de março 2019

⁸ Informações retiradas do site: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/comecam-preparativos-para-o-festival-da-cana-de-acucar-1.140595> 20 de janeiro de 2020

O município de Pindoretama tem seus limites com os municípios de Aquiraz, Cascavel e Pacajus, rota turística do litoral leste, que pela CE 040 dá acesso a diversas praias da região, sendo algumas praias de acesso mais fácil e rápido pela cidade de Pindoretama do que mesmo pelos seus próprios municípios, como é o caso da Praia do Batoque que pertence à cidade de Aquiraz e as praias de Balbino, Caponga e Águas Belas pertencentes à cidade de Cascavel.

As rendeiras de bilros da Associação dos Moradores do Ema

Para este trabalho foram realizadas entrevistas com três rendeiras: Francisca Maria Lima Silva (70) – Neide, Francisca Maria de Oliveira (72) – Zuquinha e Maria das Graças Pereira Costa (52) – Quena (Figura 03), todas fazem parte da Associação de Moradores do Ema – AME, que têm um Centro de Artesanato construído pelos próprios moradores da Localidade Sítio Ema em Pindoretama, buscando as versões do passado e tentando trazer elementos sobre a tradição da renda de bilro, assim como suas dificuldades, iniciativas e como a moda se apresenta neste contexto. A partir de agora todas as rendeiras serão citadas por seus apelidos, pontuados acima, de acordo com a preferência das entrevistadas.

Figura 03 – Fachada do Centro de Artesanato do Sítio Ema.



Fonte: <https://pindoretama.ce.gov.br/informa.php?id=31>, 2021

Para os resultados foi seguido um roteiro de entrevista, que serviu como norte para o mundo de informações e lembranças que surgiram nas conversas, descontraídas, com as entrevistadas.

[...] a História Oral alia o esforço de reconstruir padrões e modelos à atenção às variações e transgressões individuais concretas. Assim, a história Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos [...] (PORTELLI, 1997, p. 16).

Quando as rendeiras se encontravam no Centro de Artesanato, estavam ali somente para fazer renda, mas quando estão em casa revezam o trabalho com a renda com os afazeres domésticos, todas moram com familiares, filhos e netos, sendo elas as provedoras principais, como dito pelas mesmas.

Figura 04 - D. Quena fazendo suas rendas no Centro de Artesanato do Sítio Ema em 25 de junho de 2021.



Fonte: Acervo da autora, 2021

Dentre as entrevistadas somente uma concluiu o ensino médio completo, D. Zuquinha relatou que concluiu o ensino médio por conta de exigências do trabalho que exercia, a renda foi uma atividade muito praticada na infância e agora depois da aposentadoria, mas sempre que podia participava de eventos que envolviam a renda. As outras entrevistadas não conseguiram concluir o ensino fundamental, muito pela falta de recurso que as obrigou a trabalhar desde muito cedo, segundo relatos.

As rendeiras iniciaram seu aprendizado na renda de bilros com idades entre 06 e 12 anos, aprenderam com a mãe, avó e amigas, ensinadas ou por observação. Questionadas de onde vinham às inspirações para o trabalho, obtive a seguinte resposta:

Ah eu já viajei muito, vivia nas feiras de artesanato, faz muito tempo que tô nessa vida. Eu via muita coisa bonita nas feiras e quando chegava ia tentar imitar, mas tem muita coisa que saía da minha cabeça mesmo. Me lembro de uma viagem que fiz pra Recife, era muito bom eu passeava e via muita novidade. Saída de banho, saia, blusa e por aí vai. Eu era muito “inventadeira”, pegava uma roupa desmanchava e fazia outra, colocava um bico de renda ou uma pala no vestido, ficava como novo. (Zuquinha. Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

Para Ostrower (2014) a criatividade é inerente ao homem, sendo o ser humano um ser criativo, e essa natureza criativa se desenvolve no contexto cultural ao qual este indivíduo está inserido.

D. Zuquinha, nas figuras 05, 06, 07 e 08, mostra com orgulho suas peças e demonstra sua criatividade nas aplicações da renda em peças como camisolas e saídas de banho, como também em shorts e vestidos.

Figuras 05, 06, 07 e 08 – Camisola e Saída de banho, respectivamente, peças de D. Zuquinha, rendeira no Centro de Artesanato do Sítio Ema.



Fonte: Acervo da autora, 2021

“Não existe uma definição simples de ‘criatividade’ que englobe todas as várias dimensões desse fenômeno. [...] não existe consenso sobre a questão de a criatividade ser um atributo humano ou um processo pelo qual ideias originais são criadas.”⁹

⁹ Citação retirada no Relatório de Economia Criativa 2010 disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf 06 de dezembro de 2021.

D. Zuquinha lembrou, com saudades, das viagens que fez a diversas cidades por conta da renda para participar de feiras, mostrar seu trabalho e ver o que estava acontecendo nesse meio.

Sobre como estavam às vendas, se vendia só no Centro de Artesanato, D. Neide respondeu:

Eu vendo umas peças na Prainha, tem uma pessoa lá que compra de mim, uma camiseta eu vendo por R\$ 100,00, como ela compra mais de uma compensa pra mim, mas a linha tá muito cara e não tá tão fácil vender como antigamente. O povo vinha atrás da gente pra comprar nossas peças, hoje se a gente não tiver indo atrás não vende, o Centro (de Artesanato) ainda não tá funcionando como deveria, falta umas coisinhas pra terminar mesmo, faz tempo que a gente tá nessa luta pelo nosso espaço, mas vai dá certo, se Deus quiser. (Neide. Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

De acordo com Borges (2011) o principal gargalo de toda a produção artesanal é a distribuição e a comercialização.

O primeiro prédio do Centro de Artesanato, segundo informações das artesãs, foi construído em 1986, porém, por motivos que não foram detalhados, tiveram que mudar para o outro lado (lado direito da via CE 040 no sentido Fortaleza-Cascavel) e construíram tudo novamente. Hoje o Centro ainda falta alguns acabamentos, como portões dos boxes e piso. Por esse motivo ainda não está funcionando como deveria.

Em meio à entrevista foi pedido que se comparasse o antes e o agora da renda, se houve muitas mudanças e o que foi citado por unanimidade foi a diminuição da procura.

O povo não procura mais a renda como antes. Na minha família todo mundo se calçava e se vestia com o dinheiro da renda, mas com o tempo parou mais a procura, mas eu não deixo de fazer, mesmo que não ganhe esse dinheiro todo. Isso aqui (a renda) é meu remédio, me salvou da depressão. (Quena. Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

Teve mudanças sim, eu fazia aplicação, baratinha, trança, grelô, palha de coqueiro (todos nomenclatura de rendas) não vejo mais, agora eles querem saída de banho e blusa, mas é desvalorizado. (Zuquinha, Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

Hoje tem máquina que faz o que a gente faz e muito mais barato, eu já vi, desvalorizou muito o nosso trabalho, e as coisas do preço que tão, a gente ainda ouve que tá caro, tenho peças guardadas, tem peça que já tá é amarelada e não vende. (Neide. Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

As imagens 09 e 10 mostram blusas confeccionadas por D. Neide, onde a mesma fez todo o processo de confecção, fez a renda, montou e costurou as peças, nunca fez curso para isso, aprendeu com o repassasse de conhecimento de familiares e amigos e por observação. Algumas estão a muito guardadas.

Figuras 09 e 10 - Blusas de renda, peças de D. Neide, rendeira no Centro de Artesanato do Sítio.



Fonte: Acervo da autora, 2021

Como relatado pelas rendeiras, as mesmas apresentam dificuldade nas vendas de suas peças, mesmo tendo um local específico para a venda, no caso o Centro de Artesanato.

De acordo com Fernandes (2017), a desvalorização e o baixo fomento ao artesanato limitam o desenvolvimento da atividade no Brasil.

Borges (2009) aponta o artesanato como patrimônio inestimável, que nenhum povo pode se dar ao luxo de perder, e por isso não se deve “congelar no tempo”, para a autora, congelado ele morre. O artesanato e artesãos não ficam imunes às influências exteriores, e para permanecer “vivos” devem aceitar sua constante transformação, porém sugere uma transformação respeitosa onde os designers possam exercer o seu papel.

Perguntadas se elas sentiam influência da moda ou dos clientes em seus trabalhos, obtive a seguinte resposta:

Acho que sim, porque os turistas ou pessoal de fora pedia as vezes, na Ceart eles perguntavam e quando o pessoal do Sebrae vinha com curso. (Neide, Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

O artesanato na moda pode apresentar de duas maneiras: sendo o artesanato como complemento e agregador de valor ao produto onde o artesanato é inserido na cadeia produtiva da

moda, e a peça totalmente artesanal como produto de moda já na cadeia produtiva do artesanato (CLEMÊNCIO, 2012).

As artesãs têm dificuldade de se perceberem fazendo moda, mas percebem quando há uma procura maior por um determinado tipo de peça ou cores.

Referente aos cursos do Sebrae, D. Neide disse não lembrar quais foram, mas fez alguns no passado. Também informou que já viajou para Brasília representando as rendeiras em eventos, os quais não especificou.

Mesmo com as mudanças que D. Neide afirma sentir também são mantidos os antigos trabalhos, um deles é o bico da jaquaquequara, como é chamado por elas. Às imagens 11 e 12 mostram a aplicação da renda bico da jaquaquequara aplicado em uma toalha de mesa.

Figuras 11 e 12 - Toalha com aplicação do bico da jaquaquequara, peças de D. Zuquinha, rendeira no Centro de Artesanato do Sítio Ema.



Fonte: Acervo da autora, 2021

Indagadas sobre como era feita a criação ou cópia das peças D. Quena informou que furava o papelão (molde da peça perfurado em um papelão que é fixo a almofada com espinhos e assentados os bilros com as linhas) somente para ela, não fazia para os outros, e como D. Neide informou tem uma pessoa na localidade que faz o papelão sob encomenda.

Sim. Às vezes as clientes pedem coisas diferentes, às vezes faço saída de banho e aplicações em shorts, já fiz muita coisa que vi em feiras e nos Centros de Artesanato que conheci. (Zuquinha, Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

Acho que tão procurando menos a renda. Já recebi uns pedidos diferentes do que eu fazia e já fiz. (Quena, Entrevista concedida dia 25 de junho de 2021).

Para Lócio e Pompeu (2006), apesar de ser um setor capaz de gerar emprego e renda para os pequenos produtores, o artesanato sofre pela falta de padronização, pela pequena quantidade produzida e com a falta de recursos e informações mercadológicas por parte dos artesãos, o que impede o artesanato de conquistar grandes mercados.

Sobre o repasse de conhecimento para as novas gerações, todas informaram que o ensino da renda foi repassado para filhos e netos, porém todas falaram a uma só voz que não há interesse dos jovens, muito por conta da desvalorização das rendas, pelo menos para quem faz, e da falta de trabalhos com as comunidades para o resgate e valorização de nossas heranças culturais.

Considerações Finais

A renda de bilros fez parte de minha história como de muitas outras pessoas que nasceram em cidades litorâneas. As mulheres são a representatividade dessa artesanaria, com o bater dos bilros nas calçadas, áreas e embaixo das árvores a papear enquanto entrelaçam os fios.

Com a pesquisa foi possível perceber que as rendeiras de bilros de Pindoretama estão lutando para manter viva a tradição que carregam, porém, como as entrevistadas relataram, não está havendo interesse dos mais jovens, muito por conta da desvalorização, sentida por elas, em relação às vendas das peças.

As rendeiras sentem a influência na moda em seus trabalhos, quando relatam que os clientes pedem determinadas peças que viram em outro local, revistas, televisão ou outras mídias, no entanto, não são incentivadas a criação e inovação, se detendo em reproduzir as peças que a grande maioria já faz, muito por falta de informações e ideias de como valorizar seus produtos, porém, mesmo apontando diversas dificuldades vivenciadas, se mantêm firmes sentadas à frente de suas almofadas a bater seus bilros.

Durante o estudo surgiu à pergunta: Como a intervenção do design de moda poderia auxiliar no processo criativo, produção e comercialização das peças das rendeiras de bilros de Pindoretama? Considerando o conhecimento do profissional de moda como agregador no processo como um todo, da criação a comercialização das peças, buscando respeitar e valorizar os saberes e o trabalho das rendeiras.

Com o presente artigo busquei apresentar a situação atual das rendeiras do Centro de Artesanato do Sítio Ema e foi possível identificar a necessidade de capacitar essas rendeiras, com temas como, precificação, meios de valorizar e apresentar as peças para gerar o desejo no consumidor, além de trabalhar a inovação e a inclusão no mundo da moda sem perder a essência do trabalho artesanal.

REFERÊNCIAS

AVANCINI, Carolina Julião. **Rendas nordestinas: Cultura, identidade e design.** São Paulo, 2017. Disponível em < https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/tcc_rendas_revisado_-_celacc_-_carolina_j._sem_sumario_25.04.pdf >. Acesso em 22 jul 2021.

BORGES, Adélia. **Designer não é personal trainer.** São Paulo: Rosari, 2009.

_____. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro.** São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BORRALHO, Fawsia. O Sertão virou mar. In CUNHA, Kathia Castilho e GARCIA, Carol (Org), **Moda Brasil: fragmentos de um vestir tropical.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

CABRAL, Germana e PIONER, Cristina. **Fios de tradição: Rendas de bilros - Ceará e Portugal.** Disponível em: <<http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/rendas-do-mar/origem>>. Acesso em: 09 abr. 2019

FAVILLA, Clara; BARRETO, Luciana e REZENDE, Renata. **Artesanato Brasil.** Brasília: Sebrae, 2016.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. - São Paulo: Atlas; 2002.

IPECE – CE. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2019/02/mapas_municipais_Pindoretama_2019.pdf >. Acesso em 20 jan. 2021.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais.** São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em 03 dez. 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas;** Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LÓCIO, Aprígio Botelho e POMPEU, Gustavo de Ipanema. **Artesanato Cearense: Mudança de Posicionamento Estratégico do Assistencialismo para o Empreendedorismo.** Disponível em <<http://www2.ipece.ce.gov.br/encontro/2006/aprigio.pdf>>. Acesso em 06 dez. 2021.

LUZ, Geovana Alves da. **De artesanato a tradição: a preservação da prática da renda de bilros na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis, SC, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/171278/TCC_geovana_alves_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 22 jul. 2021.

MENDES, Francisca R. N. **Modelando a Vida no Córrego de Areia: Tradição, Saberes e Itinerário das Louceiras.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

CLEMÊNCIO, Maria Aparecida. **Artesanato e Moda: Uma contribuição ao Processo. MODAPALAVRA E-PERÍODICO.** 2012. Disponível em <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/7787-Texto%20do%20artigo-23589-1-10-20160512.pdf>>. Acesso em 06 dez. 2021.

NADAFF, Ana. Moda Cearense: uma colcha de retalhos. In CUNHA, Kathia Castilho e GARCIA, Carol (Org), **Moda Brasil: fragmentos de um vestir tropical.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

NORDESTE, Banco do. **Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste.** – 2ª Edição. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 30ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender uma Pouquinho.** Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Conferências. *Projeto História.* São Paulo, (15), abril, 1997.

RAMOS, Luiza e Arthur. **A renda de bilros e a sua aculturação no Brasil:** nota preliminar e roteiro de pesquisas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.

RELATÓRIO DE ECONOMIA CRIATIVA 2010. **Economia Criativa:** Uma Opção de Desenvolvimento Viável. - Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc. São Paulo: Itáu Cultural, 2012. Disponível em: <https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf> Acesso 06 dez. 2021.

SALES, Alice. **Projeto Resgata e valoriza tradição de renda de bilros no Ceará.** Disponível em: <<https://agenciaeconordeste.com.br/projeto-resgata-e-valoriza-tradicao-de-renda-de-bilros-no-ceara/>> Acesso 06 dez. 2021.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. **Quando a Cultura entre na Moda:** A mercadologização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape. Fortaleza: Edições UFC, 2001. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1276/1/2009_Dis_EKRSILVA.pdf> Acesso 22 jul. 2021.

ENTREVISTAS

SILVA, Francisca Maria Lima. Entrevista concedida a Francisca Zezilene Inácio da Silva Oliveira, no Centro de Artesanato do Ema, Pindoretama - Ce, em 25 de junho de 2021.

DE OLIVEIRA, Francisca Maria. Entrevista concedida a Francisca Zezilene Inácio da Silva Oliveira, no Centro de Artesanato do Ema, Pindoretama - Ce, em 25 de junho de 2021.

COSTA, Maria das Graças Pereira. Entrevista concedida a Francisca Zezilene Inácio da Silva Oliveira, no Centro de Artesanato do Ema, Pindoretama - Ce, em 25 de junho de 2021.